

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura

Aveiro: 100 números, 2\$000; 50, 1\$000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 números, 2\$250; 50, 1\$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 números (moeda forte), 4\$500.—Pagamento adiantado.—Avulso, 20 réis.

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia
Espírito Santo, 71

Preço das publicações

Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Communicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

AVEIRO

A EGREJA E O ESTADO

Com o espirito de imitação inherente a todos os individuos ou a todos os povos inferiores, os nossos republicanos nunca fizeram, nem fazem outra coisa senão imitar a Republica francesa. O que se faz em França é o que se deve fazer em Portugal. E como em França teem sido infructíferas todas as tentativas para a separação da Egreja do Estado, republicanos portugueses entendem que falar em tal coisa, só que seja, é compromettedor e inutil.

Ora, como já dissémos no artigo anterior, nem a primeira republica cahiu em França pelos bons principios que estabeleceram nem a terceira se aguenta pelos maus que vai alimentando. A primeira cahiu pelo erro de supprimir as cabeças eminentes que a dirigiam, antes de tudo, e porque a essa supressão succedeu um homem de dotes excepcionaes, que soube tocar no mais intimo o amor proprio francez. A terceira aguenta-se porque as circumstancias politicas teem sido taes que só a republica foi, ao principio, um governo compativel com o estado de coisas creado pelos acontecimentos. E, depois, creou raizes como tudo, raizes ainda não bastante fortes, diga-se a verdade, para resistir aos vendavaes que loucuras repetidas lhe podem acarretar. Não fóra esse motivo especial e ella já não existia, uma vez que os decantados opportunismos não teem produzido senão Panamás e outras podridões equivalentes.

Quem caminha pela estrada direita não está livre de ser assaltado e morto. Mas quem se mette por atalhos corre maior risco de se perder. Se a terceira republica tem sido verdadeiramente republicana, é possível que tivesse de sustentar luctas perigosas com os seus adversarios. Mas, se vencesse, haviam de ser outros os effeitos do seu triumpho. Transigindo com os velhos preconceitos e processos, combate com um exercito tão mal seguro, com soldados tão pouco convictos, que não será de admirar que a abandonem á primeira emboscada em que a façam cahir.

Se o argumento empregado pelos republicos indigenas servisse, não teria succumbido a republica de 48, a qual não só não separou a Egreja do Estado como chamou os padres a abençoar a *arvore da liberdade*, aumentando em dois milhões de francos o orçamento dos cultos. E a republica cahiu. E, depois do golpe de estado, os prelados abençoaram o perjurio e cantaram os *Te-Deums*. Foi alimentar a vibora no seio. E o mesmo succederia á republica actual se a vibora encontrasse occasião de morder. Julgam que a amaciam? Parece-nos ingenuidade!

«Meus senhores, dizia n'um discurso Jules Roche, que mais do que uma vez tem sido ministro da republica, meus senhores, quando falamos na separação da Egreja do Estado não é uma idéa metaphysica que offerecemos ao paiz; é o regresso a um estado politico experimentado n'um periodo relativamente longo e que deu resultados apreciados, prova-

dos, demonstrados pela historia; é o methodo experimental e historico que empregamos para esclarecer esta questão.»

Assim se exprimia acertadamente um homem de valor. E voltaremos ao assumpto.

CARTA DE LISBOA

28 de Abril.

Reina a santa paz em todos os arrayaes politicos. E, não obstante, a tormenta é cada vez mais ameaçadora!

Fervilham as intrigas, agitam-se as ambições, perde-se o tempo em questões insignificantes e ninguém cuida dos verdadeiros interesses do paiz!

Quando cahiu o ministerio Dias Ferreira, accentuámos aqui quanto havia de mesquinho no motivo que guiava os adversarios da situação. Era o bem publico, era o patriotismo? Não. Era o desejo insofrido do mando. Os berradores d'um dia eram os que na vespéra apoiavam o ministerio para lhe arrancar candidaturas. E, depois, repentinamente, sem motivo sério, sem fundamento attendivel, desatam os protegidos a atirar com os pratos á cara do protector, só porque um reclamava a primasia da discussão parlamentar para o projecto relativo aos crédores da divida externa e os outros para as questões de orçamento e fazenda.

Ora, como então notámos, o sr. Dias Ferreira não podia reclamar a prioridade da discussão sobre os crédores externos só por simples caturreira. O sr. Dias Ferreira não era tão *infantil*, e d'isto nada tem s. ex.^a, que jogasse por tão pouco a vida do ministerio. Motivos secretos e de força o haviam de guiar. O que seria?

Ninguém quiz saber, ninguém viu, ou ninguém quiz vêr. Na cegueira da ambição atiraram-se todos para cima do ministerio e derribaram-no. Nem tiveram a trica elementar, e dizemos trica porque em patriotismo já é uma tolice falar, nem tiveram a trica de o comprometter na questão dos crédores, para se livrarem d'esta *espinha*. E ficaram com ella atravessada nas guellas.

Agora tudo são *rosas*. Parece que os perigos desapareceram. Não ouço, principalmente da parte d'aquelles que tinham por habito antigo fazer opposição systematica—os decantados republicanos—não ouço senão elogios e réclames aos ministros, ao sr. ministro da fazenda sobretudo. Em insinuações, em noticias velhacas, em réclames descarados e disfarçados, não fazem outra coisa os órgãos da republica senão predispôr o publico a favor do sr. Fuschini. E, afinal, o governo não tem feito nada. Adiou as camaras por uns mezes, a pretexto de estudar as questões, quando uns anhapistas como o sr. Fuschini e uns favoritos como o sr. Franco já deviam estar preparados *para tudo*. Deixam de pé essa monstruosidade da questão dos tabacos, apezar da campanha de varios periodicos, com as *Novidades* á frente. E nada resolveram, nem resolvem, sobre os crédores da divida externa.

Ninguém dirá que não haja motivos para os réclames do *Seculo* e do *Dia*, e para os trabalhos de

propaganda particular do sr. Eduardo de Abreu e *Casaquinha*. Não ha patriotas que lhes ganhem.

Qual será a cara d'estes patriotas com um desastre sobre a questão dos crédores ou outra das muitas que nos assoberbam? A mesma, porque não leem vergonha.

O peor é que tanta vergonha teem elles como quem os supporta.

Vamos a vêr. Mas a mim palpita-me asneira grossa para breve.

Quando o sr. Dias Ferreira publicou o seu notavel decreto dictatorial sobre os crédores externos, não teve meio de fugir ás reclamações dos respectivos governos senão fazendo notar o caracter provisorio do decreto, que ficaria para ser approved ou rejeitado pelas camaras. Quando estas se abriram, parece que o nosso embaixador em Inglaterra avisou o governo de que os crédores se agitavam de tal modo que seria conveniente que o parlamento se apressasse a pronunciar-se no assumpto antes que o governo inglez reclamasse. E como as outras nações estavam um pouco coactas com a attitudenevolva do governo inglez, como não seria facil intervirem energicamente senão de accordo com a Inglaterra, que permanecia quieta e calada, todo o empenho do governo era prevenir um golpe de mão que arrastasse o *foreign-office* e, por isso, poz todo o seu empenho em regularisar essa questão primeiro que as outras assim que recebeu o aviso do ministro Soveral.

A conspiração, porém, estava planeada entre o rei, Fuschini, João Franco e Carlos Valbom. As hostilidades declararam-se. O ministerio cahiu.

Diz-se: «mas o rei não devia dar o adiamento ao José Dias e desde que o José Dias lh'o pediu, a queda do gabinete era fatal.» Não, porque nem João Franco, nem Arouca, nenhum era capaz de levantar ao governo os embaraços que lhe levantou sem ter as costas quentes com o rei. Aquillo era o plano da conspiração. O pedido de adiamento não foi uma causa, foi um effeito. E, sendo assim, não sabemos que admirar mais que a leviandade dos conspiradores. Deitassem o ministerio abaixo nas propostas de fazenda. Declarassem-lhe guerra só então e conservassem-n'o e poupassem-n'o enquanto se não resolvesse a questão externa.

Não o quizeram. Foram para as camaras berrar, dizer tolices. E o resultado foi vir logo em cima uma nota do governo allemão, forte com os argumentos que lhe forneciam os proprios deputados, e outra do governo francez. Esta não teria vindo se no conflicto Rodrigues de Freitas a França e a republica não houvessem sido offendidas no nosso parlamento. A's gritarias cá não ha Panamás, cá não ha Panamás? respondia o gabinete francez cinco dias depois com uma nota diplomatica.

Tal foi, até hoje, a maior habilidade dos conspiradores a quem o *Seculo* e o *Dia* não cessam de fazer réclames laudatorios.

A habilidade foi essa.

Ou muito nos enganámos ou com este negocio dos crédores vae-se repetir o que se deu com o tratado inglez. O segundo ha de ser peor que o primeiro.

Vamos a vêr, vamos a vêr.

—Não sabemos se o sr. ministro da guerra, tão sollicito em prohibir festas de caridade a favor de soldados feridos em serviço, já providenciou contra o caso dos commandantes de batalhões e regimentos que se apresentaram de *capindó* á frente das suas fracções e contra os generaes e officiaes do quartel general que vestiam amplos e commodos capotes junto de tropas molhadas até aos ossos e de militares cahidos por terra com pneumonias e resfriamentos. Não sabemos. Mas s. ex.^a, que é tão sollicito em prohibir manifestações collectivas, até de caridade, com certeza que ha de fazer alguma coisa.

Tambem não atinamos ainda com os motivos porque se levou áante o exercicio n'um dia d'aquelles e porque lhe marcaram o começo ás 8 e meia, quando o costume é principiarem ao romper do dia.

Temos aqui um sujeito a soportar-nos ao ouvido—porque nós nada sabemos e tudo dizemos por inspiração—que nos está explicando a coisa por um modo tão extraordinario que o não queremos acreditar. Só acreditámos o seguinte: «que ha muitos reparos entre os militares e entre os proprios paisanos pela brutalidade inaudita com que se deixou realisar o exercicio n'aquellas condições.»

Mais grita o sujeito: «que se as tropas ao menos estivessem no local do exercicio ao romper do dia como é costume não teriam apanhado metade da chuva, nem d'uma forma tão prejudicial, e assim não ficariam doentes tantos homens como ficaram.»

Isto sim. Isto acreditámos nós.

—Já tinhamos escripto o que ahí fica quando lêmos nos jornaes as actas d'um duello entre o sr. Barbosa Colen e o famoso Gomes da Silva.

Hontem, ao entrarmos no americano para seguirmos para casa vimos na *Tarde*, que comprámos n'esse instante, a noticia do duello. E dissémos logo para um amigo que ia ao lado: «Gomes da Silva bater-se? Isso é que não bate. Ou apanha tamanho susto que não se torna a metter n'outra.»

Meu dicto, meu feito. Gomes da Silva não se bateu!

Mas vamos á questão.

As *Novidades* transcreveram do *Povo de Aveiro* uma referencia a Gomes da Silva, aquella em que nós diziamos que este tratante, ao contrario do *Seculo* e da *Vanguarda*, já nem com meias medidas se detinha, enfleirando-se descaradamente ao lado de Fuschini. E que não se prendia com meias medidas por isso que, obedecendo elle sómente a Adrião de Seixas e á camara municipal, e não lhe prohibindo Adrião de Seixas que elle defendesse Fuschini, e estando nos interesses da camara que elle o fizesse, feio maroto, assim sem motivos para ser hypocrita, arrancava a mascara e apresentava-se tal qual era.

Mas o insigne comediante, comediante com pó de cal no rosto, que se horrorisa com a idéa de lhe pôrem as chagas á mostra, não por infimos restos de pudor, mas com medo de lhe diminuir a razão, mandou desafiar o director das *Novidades*. Claro é, nunca pensou em duello. O que

elle esperava era que o sr. Colen, naturalmente, lhe dissesse que era da mais simples intuição procurar-se a responsabilidade em quem *escrevia* e não em quem *transcrevia*. Se elle queria pedir a responsabilidade a quem *escrevera*, que a pedisse. Se não queria, que... fosse tratar das bombas ou pentear macacos, já que tão parvas idéas dava da sua pessoa como jornalista e homem de senso.

O sr. Colen, porém, não o entendeu assim. Nomeou testemunhas. A estas testemunhas declararam as de Gomes os motivos porque não podiam pedir satisfações ao sr. Homem Christo, supposto auctor da local do *Povo de Aveiro*, motivos que tentaram demonstrar com os numeros 88, 89 e 90 da *Vanguarda*. As testemunhas do sr. Colen responderam que taes motivos não se justificavam, não inhibindo o Gomes de pedir explicações ao sr. Christo, mas que, enfim, o seu constituinte estava ás ordens, não para satisfações, mas para a lucta.

Foi um raio que rasgou a alma do comediante. Gomes chorou. E os amigos correram a açular a popularidade que o dicto tem em Carnaxide. E o povo accudiu com o prior á frente. E prior fez uma pratica que *tocou* o Gomes. E o duello não se realisou.

Oh! que grandissima comedia, que fica para acabar de immortalisar os duellos em Portugal, e que tira as ultimas duvidas sobre a asquerosidade de caracter do famoso redactor do *Dia*!

Os leitores lembrem-se, sem duvida, dos motivos porque Gomes estava *inhibido* de pedir explicações ao sr. Homem Christo, motivos que, além de terem sido publicados nos numeros da *Vanguarda* referidos, tambem o foram no *Povo de Aveiro*, numeros 495, 496 e 498, de 25 e 28 de junho e 5 de julho de 1891. Mas sempre é bom recapitular o caso.

Em 24 de maio de 1891, o *Povo de Aveiro*, no seu moralissimo costume, chibatou os hombros da malandragem da republica, entre a qual figurava como chefe o comediante Gomes da Silva. Qual não foi o nosso pasmo quando em 18 de junho se recebia na redacção do *Povo de Aveiro* uma carta, em que os srs. Mem Rodrigues de Vasconcellos e Hygino de Sousa pediam, em nome de Gomes da Silva, satisfações pelo artigo publicado no *Povo de Aveiro* 25 dias antes e transcripto pelo *Diario Illustrado*, allegando que o Gomes só á ultima hora tivera noticia da offensa?

Era espantoso tamanho cynismo. Não lerá Gomes da Silva coisa nenhuma, mas o *Povo de Aveiro* é que elle não perde, nem elle nem nenhum dos grandes tratantes da republica, por mais que apparentem não lhe dar importancia e não o lêr. Além d'isso, sabiamos ao certo que Gomes tivera pleno conhecimento da parte que lhe dizia respeito na tosa de 24 de maio, como depois o provámos com as cartas dos srs. Batalha, Terra e Reis Damaso. O sr. Homem Christo respondeu, portanto, ironicamente ás testemunhas do Gomes que, no fim de 25 dias, não se sentia com bastante coragem para dar troco a quem costumava levar tanto tempo a chocar a honra e que, além d'isso, em caso nenhum da-

ria satisfações ou explicações ao Gomes da Silva.

Esta ultima parte resolvia nitidamente a questão. Mas as testemunhas de Gomes, com uma perfidia sem igual, não publicando a carta do sr. Christo, escreviam a Gomes dizendo-lhe que o sr. Christo se recusara com subterfugios. Não empregavam este termo, mas o sentido era o mesmo.

Foi então que o sr. Homem Christo, em nova trepa no Gomes, e justa reprimenda nas suas testemunhas, poz tudo em pratos limpos, na Vanguarda e no Povo de Aveiro. Era tal a trepa, que, por meio de palavras, Gomes ficava sem ter que dizer. A unica resposta, se a queria dar, era com uma bengala, demais a mais sendo elle tão amigo de meios extremos.

Pois não senhores. Gomes respondeu com uma carta aos jornaes, dizendo que queria experimentar uma bala na cabeça do sr. Christo, mas que a covardia d'este não lho permittira.

O Gomes a experimentar balas na cabeça dos outros era d'um comico sem par!

A vida d'aquelle homem é suja a mais não ser. Sabiam-n'o e sabiam-n'o todos que, no campo republicano, lidaram com elle. O sr. Homem Christo, como já o tinha dicto na Vanguarda, sentia um tedio horrivel em lhe pôr a mão. Mas, enfim, para evitar falsos commentarios, venceu-se e procurou o Gomes.

Gomes morava na rua do Loureiro. O sr. Christo não gosta de demoras. Resolveu-se, pois, a esperar-o ao sahir de casa. E, exactamente para liquidar a coisa sem demora, enquanto elle esperava o Gomes á esquina da rua do Conservatorio, por onde supunha que Gomes sahiria, por causa das duvidas pediu a um amigo que vigiasse a rua do Loureiro do lado norte e o avisasse caso Gomes fosse por esse lado.

Foi o sr. Christo ás nove e meia para o seu posto. E dêram dez, dez e meia, onze, onze e meia, sem Gomes apparecer nem haver noticias d'elle. Depois d'esta hora, viu o sr. Christo desembocar d'uma esquina um chefe de esquadra e dois policias que vieram avançando, avançando, até pararem junto d'elle. Mas nunca supoz que a sua pessoa fosse o motivo do apparecimento dos policias. Qualquer serviço especial, qualquer ronda, era o que imaginava.

Cinco minutos se detiveram alli os agentes da auctoridade. Depois desceram e postaram-se mesmo na embocadura da rua do Loureiro. Pois ainda alli não estavam ha tres minutos quando Gomes, que morava a dois passos, appareceu.

«Oh! que miseravel, pensou então o sr. Christo, estava á espera da policia para sahir! Não tem duvida, que uma sempre elle ha de levar, já que chegámos a estas alturas.»

E esperou que o Gomes avancasse, de catadura feia e olhos no chão. Entretanto, começou a policia tambem, vagarosamente, subindo a rua. Quando o sr. Christo o viu perto, adeantou-se para

elle e ergueu a bengala. Gomes, n'um gesto theatral, ergueu tambem a sua, mas quando a elevou acima da cabeça deixou-a cahir para traz, o miseravel experimentador de balas! O sr. Christo suspendeu a sua pancada. Podia ter quebrado a cabeça do biltre, e arrependeu-se depois de o não fazer. Com aquelles miseraveis não ha cavalheirismos possiveis. Mas repugnou-lhe bater n'um homem desarmado. Esperou que elle apanhasse a bengala. A policia, porém, que desatara a correr assim que vira o sr. Christo deslocar-se d'onde estava, já tinha agarrado este senhor quando Gomes voltou a si do susto.

Esta é a verdade. Não ha aqui um ponto a mais, nem a menos. Quem nos conhece bem, sabe que somos incapazes d'uma mentira, principalmente em questões d'estas. Ora, perguntámos: quem preveniu a policia? Esta que o diga. «Foi porque o Christo, diziam uns quadrilheiros do Gomes, estava com guarda-costas.»

Que miseraveis!

«Ainda o senhor perde o tempo com gente d'esta», dizia o chefe de esquadra. E tinha razão.

Ora, por isto é que nós dissémos assim que vimos a noticia do duello na Tarde: «Gomes da Silva não se bate, ou morre de susto d'esta vez.» E não se bateu! E a maneira ridicula porque terminou o conflicto na esquina da rua do Conservatorio, foi a mesma porque terminou o duello de Carnaxide! Comedia, sempre comedia. Olhem que é uma coincidência curiosa!

Nós agradecemos, em nome do sr. Christo, tudo quanto houve de deferencia e delicadesa pessoal nas intenções do sr. Colen para com elle, procedendo tanto mais bisarro e cavalheirioso quanto é certo não haver a minima relação entre o sr. Colen e o sr. Christo, que nem de vista conhece bem o redactor das Novidades. Agradecemos muito. Mas protestamos contra o facto do sr. Colen ter representado o sr. Christo. Nunca! O sr. Christo só em ultimo caso cruzaria um arremesso com o Gomes, e esse só o da sua bota e só quando o Gomes se lhe atravessasse no caminho.

Nunca! A esse e a outros miseraveis nunca o sr. Christo dará satisfações.

Olhe, sr. Colen, só nós conhecemos e só nós sabemos tratar com esses bandidos. Temos em casa dois cajados de marmelleiro: um com que escrevemos, outro com que guardámos a porta. Quando elles nos caluniam e infamam, agarrámos no marmelleiro com que escrevemos e deixámos-os com duas pennadas (não sabemos se n'isto vae immodestia ou não, vae a verdade) a deitar sangue por a bocca. Quando elles nos ladraram ao pé da porta, pegámos no outro cajado e foi sempre quanto bastou para os ver fugir.

Elles condemnaram-nos á morte nas suas sociedades secretas, elles designavam os agentes que nos haviam de assassinar, elles ameaçavam-nos com publicações infamantes, elles escreviam-nos cartas anonymas sobre cartas

anonymas, e nós sempre airmomos, d'elles, das suas obras, das suas ameaças, das suas valentias e de tudo.

O governo tremeu d'elles cinquenta vezes; nós não trememos vez nenhuma.

Sr. Colen, muito obrigado, muitissimo obrigado por tudo quanto houve de nobre e delicado na sua conducta pessoal para conosco. Não o esqueceremos. D'isso nunca nós encontrámos n'esses miseraveis que tanto bramam contra v. ex.^{ta}; n'esses miseraveis que só se diziam nossos correligionarios para nos desacreditar e comprometter. Muito obrigado. Mas, de futuro, façam-nos o favor que lhe vamos pedir: quando transcreva alguma coisa do Povo de Aveiro e lhe peçam responsabilidades por isso, mande-nos para cá esses valentes que ninguém, como nós, lhe conhece as manhas e lh'as sabe tirar.

Mande-ós para cá. E os leitores que nos perdoem o termos-lhe tirado tanto tempo com coisas sem valor.

NOTICIARIO

CAMARA MUNICIPAL

Sessão de 26 de abril

Presidencia do sr. dr. Jayme de Magalhães Lima.

Vogaes presentes, os srs. dr. Alvaro de Moura, Jeronymo Coelho, Gamellas, Alves da Rosa, Ferreira da Silva, Netto e dr. Valente.

Assistiu o sr. administrador do concelho.

Acta approvada.

—Foram lidos os seguintes requerimentos:

Um de Carlos da Silva Mello Guimarães, pedindo que sejam substituidos os eucalyptos da estrada da Fonte Nova, na parte em que marginam a sua propriedade.—Para ser attendido depois de combinado o melhor modo de fazer a substituição.

Outro de Samuel da Maia Romão, pedindo concessão de terreno na Costa de S. Jacintho para levantar um palheiro.—Deferido.

Outro de Manuel dos Reis, reclamando contra a disposição da camara com relação ao transitto que devem seguir os carros carregados de sal.—Indeferido.

—A camara deliberou mandar entrar no Asylo-Escola Districtal o menor, exposto, Augusto, que se acha em criação na ama e que completou 7 annos.

—A camara resolveu mais suspender o guarda-livros do Asylo-Escola até se averiguar a responsabilidade que tem em irregularidades apparecidas na escripturação e contabilidade do referido asylo.

—Resolveu ainda que fosse enviada uma representação ao governo contra as concessões ultimamente feitas na Costa de S. Jacintho, em terrenos que a camara justamente reputa municipaes e que foram já incluidos no novo plano de alinhamento e regularisação d'aquella costa.

—Resolveu tambem, explican-

do e ampliando a resolução tomada na sua sessão de 12 do corrente, que para o transitto do sal, sahido dos armazens do Bairro João Affonso (vulgarmente chamado o Rocio), se observasse o disposto no artigo 40.^o das Posturas de 17 de março de 1870, ficando revogada qualquer disposição regulamentar ou resolução em contrario.

—Por proposta do sr. presidente foi resolvido que se peça ao governo que permitta que a quantia de 1:800.000 réis que a camara lhe deve, proveniente das despesas com a instrução primaria, no anno preterito, seja pago em 3 prestações annuaes de 600.000 réis.

A dragagem da ria

Foi na quinta-feira entregue a el-rei pelos deputados d'este districto srs. José Paulo Cancellia, D. José de Alarcão, Barbosa de Magalhães, Dias Costa e Carlos Bocage a representação approvada no comicio do theatro Aveirense pedindo o estabelecimento d'um serviço de dragagens na nosa ria.

Assistiu ao acto o sr. ministro das obras publicas.

Charangas

Alegrem-se os habitués do jardim publico.

Pelo ministerio da guerra baixou auctorisação, já hontem chegada á secretaria de cavallaria 10, para que nos corpos d'esta arma possam ser restabelecidas as charangas, extintas pelo ministro da guerra do ultimo gabinete demissionario.

Os commandantes dos corpos que quizerem utilizar-se da auctorisação devem requisitar os respectivos instrumentos do commando geral de artilheria.

A despeza feita com as charangas não entra, porém, no orçamento do Estado, mas será paga por fundos para esse fim creados nos corpos a que as charangas pertencem.

Asylo-Escola

O sr. dr. Alvaro de Moura, vice-presidente da camara, a quem foi confiado o pelouro em que está comprehendido o Asylo-Escola, tem dedicado a esta casa um desvelo e uma dedicação dignos de todo o elogio.

Depois da assidua fiscalisação que exerce, s. ex.^{ta} fez crear recentemente alli uma aula de gymnastica e esgrima, para a qual forneceu á custa do seu bolsinho uma parte dos utensilios proprios d'esses trabalhos.

Depois de tão poderoso auxilio, o Asylo-Escola deve subir ao fim humanitario, aonde não chegara ainda.

Alarme

Na quarta-feira á noite espalhou-se o boato de que a hydra levantara no Porto a cabeça, pondo em risco a vida da monarchia, e que marchara para lá a toda a pressa um esquadrão de cavallaria 10, pedido pelo telegrapho. Esteve-se n'uma viva anciedade até de manhã.

O boato, porém, não era infun-

habitudo a não duvidar do seu direito e a não hesitar perante o seu dever...

E, assim, depois d'um labutar de cincuenta annos, via-se desconhecido d'aquelles por quem tanto trabalhara, odiado por uns, suspeito aos outros, respeitado ainda pelos nobres e pelos ricos, mas considerado já por estes proprios como incapaz, em virtude da sua idade que nem lhe permittia resistir ao mal pela força nem remedial-o com apparentes concessões ás idéas novas. Em poucas palavras, para uns era um tyranno, para outros era um velho.

Isto, mais ainda do que as enfermidades, a doença, é que o tinham decidido a delegar os seus poderes no seu filho primogenito. Hermann passava por liberal; a

dado: para o Porto ia ser destacada uma força de cavallaria, de perto de 90 praças, sob o commando do sr. capitão Carvalho, mas para substituir um destacamento de cavallaria 7 que alli estava; porém o embarque da força só se pode effectuar na manhã de quinta-feira.

A cidade ficara quasi sem guarda-nição. As guardas da Praça Municipal estavam sendo feitas pela policia, enquanto não chegava o destacamento de Coimbra, que regressou hontem de manhã.

Influenza

Reappareceu esta impertinente doença, tendo por enquanto desenvolvido pouca intensidade.

Entre a Barra e S. Jacintho

A nova companha Maria do Nascimento, que vae ser estabelecida este anno em S. Jacintho, conta estabelecer uma carreira regular entre aquella praia e a Barra, logo que comecem os seus trabalhos; devendo a carreira findar logo que acabe a safra piscatoria.

E' um incontestavel bom serviço que os donos da nova rede e nossos amigos prestam ao publico, tão conhecidas são as faltas de transporte com que muitas vezes o publico tem luctado para chegar á costa de S. Jacintho.

Aspirante a freira

No dia 3 de maio vae a França, onde deve professar, uma menina filha de um grande proprietario de Braga.

A sapa negra não descança no trabalhinho.

Naufragio

A chalupa Flor da Calvaria, depois de entrar bem a barra d'esta cidade, cahiu, ás Duas Aguas, sobre uma estaca de botirão que se achava enterrada e coberta de agua, soffrendo um grande rombo no costado. Quando a tripulação accudiu, o navio adornon rapidamente, ficando quasi submergido. O casco estava no seguro.

A Flor da Calvaria era matriculada n'esta praça.

Ourlnoes

Um nosso amigo, dando ponderação á noticia «Ourinoes», que publicámos na quinta-feira, observou-nos que os estudantes tem latrinas no edificio do lyceu, e que se veem ourinar nos cunhaes exteriores d'esse edificio é porque a policia não faz a sua obrigação. Metade d'um apoiado.

Mas os que não são estudantes, ou que mesmo sendo-o se sintam necessitados a horas em que estão fechadas as latrinas do lyceu?

Um grande achado...

A companha da Barra trouxe um d'estes dias um grande peixe-burro dentro do sacco.

Os pescadores assustaram-se ao verem tal monstruosidade.

Se lhes parecel...

Sem badalos!

Da igreja do Cadal, em Macieira de Cambra, foram roubados os

multidão estimava-o e esperava d'elle as reformas reclamadas. Este filho, cuja honestidade e virtude elle não podia aliás deixar de apreciar, tinha-o, contudo, desgostado sempre pela excentricidade da sua conducta e das suas idéas, ao menos d'aquellas que deixava apresentar: taciturno, calado, apaixonado pelo isolamento, estranho ás coisas militares, inimigo do fausto e do apparato, melancholico, sempre agarrado aos livros... Nada de commum entre elle e sua mulher, a altiva princesa Clementina, muito velho regimen, archiduquesa na alma, energica, serena e com quem o velho rei se sentia conforme em principios e crenças. Assim ella podesse ter influencia no marido!

(Continúa.)

FOLHETIM

—3—

OS REIS

Em 1800

I

Sacrificara tudo. Subordinara todas as affeições naturaes ao seu dever soberano. Quasi que ignorara a voluptuosidade, evitando as mulheres e não querendo fazer distincções entre ellas. O seu casamento, todo politico, tivera por unico mobil a sancção d'um tratado de alliança com um paiz vizinho. E, durante trinta annos, sup-

portou pacientemente uma mulher, boa sem duvida, e, como elle, penetrada dos deveres do cargo, mas a quem não tinha nenhum amor, sem graça, de virtude rigida, mas de espirito acanhado e beata.

E, ao principio, o seu zelo e a sua abnegação foram recompensados. Uma guerra com a Austria, valentemente sustentada e habilmente dirigida, rectificava em seu proveito as fronteiras da Alfanía. O seu povo adorava-o. Pela sua severa economia e a sua escrupulosa applicação aos negocios, o reino prosperava. Os recursos naturaes do sólo foram, pela primeira vez, seriamente explorados e a industria desenvolveu-se com uma rapidez e em proporções extraordinarias. Mas, então, um facto singular

se produziu. N'este reino protegido anteriormente contra o contagio revolucionario pela sua situação geographica e onde a instituição da monarchia absoluta se tinha conservado intacta até ahí, a rapidez do progresso industrial trouxe como consequencia inesperada que a questão social surgisse antes da questão politica. Desacostumados da pobreza e da resignação, os operarios da capital e os das grandes cidades, pouco a pouco, desaffeiçoavam-se do rei e tornavam-n'o responsavel pela iniquidade da sua situação, bem que lhes fossem devedores do estado melhor em que viviam e que já lhes permittia que conhecessem e sentissem mais vivamente essa iniquidade. Grèves terribes rebentaram, que o rei reprimiu rudemente, como homem

bandalos dos sinos, caso que não deixa de ser extraordinario e ter sua pilheria.

Os parochianos não andam lá muito correntes com o seu pastor e attribue-se, por isso, o roubo dos badalos a pirraça que lhe quizeram pregar.

E d'ahi talvez não fosse. Póde muito bem ser que, por reinação, trocassem os badalos a castanhas piladas.

Mas que lembrança!

Para Arouca

Shahe amanhã para Arouca, onde vae tomar parte na festa a Santa Mafalda, a phylarmonica Aveirense, que deve regressar na proxima quarta-feira á noite.

Além dos festejos externos, em que se hão de fazer ouvir mais duas musicas, a acreditada banda aveirense é que faz tambem a festa do templo, sob a habil regeancia do sr. padre Jorge de Pinho Vinagre.

Feira da Palhaça

Teve logar hontem este importante mercado, com bastante concorrencia de gado suino e bovino, em que houve transacções importantes sobretudo em bois, grande numero dos quaes são destinados para consumo de Lisboa.

Theatro-barracão

A companhia do sr. Lozano representou na quinta-feira o drama As duas orphãs, que agradou muito.

E' de justiça dizer-se que esta peça, onde ha scenas que emocionam o espectador, teve um desempenho muito aceitavel, tendo-se em attenção as forças da companhia, devendo-se esse resultado ao trabalho de Ramos, Santos e Oliveira, e das actrizes Lola, Adelaide e Emilia.

Hontem repetiu-se o mesmo espectáculo, e hoje vae á scena o drama sacro—Santa Joanna.

Tourada

Os que gostam d'esta diversão tem hoje ensejo para assistir a uma corrida, onde não devem faltar attractivos. Affiançam-nos que o gado é puro e de raça.

A' corrida assistem as duas phylarmonicas da cidade.

AU JOUR LE JOUR

Diz o Dia, referindo-se á leãoa:

... "poude metter-lhe (o domador) a mão direita pelas escancaras das fauces e agarrar-lhe a lingua e não a largou até que a féra cahiu morta."

Bem; a leãoa já não é d'este mundo, já foi para o outro, onde o inferno a espera por ter morrido sem confissão.

Continúa ainda o mesmo jornal:

"O sr. Santos Junior teve então uma idéa, á qual se deve a vida do pobre Max. Lembrou-se do atirador Rossell, e este, certo da sua pericia de atirador, correu a buscar uma das suas bellas carabinas..."

FOLHETIM

—5—

UM CHEFE DE GUERRILHEIROS

—Margarida, lembra-te do dia em que te encontrei pela primeira vez? Foi n'uma das excursões com os meus irmãos d'armas. Tu estavas aqui, ao pé d'esta cruz, orando por tua mãe. Desde essa occasião, os meus pensamentos, o meu futuro, a minha vida, tudo te pertenceu. Tornei a estes mesmos logares, e vi-te de novo; approximei-me e pedi-te a esmola d'um olhar, de uma palavra. Tu amaste-me! De então para cá, Margarida, todos os

—Mas para que foi o sr. Rossell buscar a carabina, perguntará o leitor espantado, se a leãoa já estava morta? Seria para matar o sr. Max?

—Espere, não tenha pressa; vá lendo:

"que mettu á cara, com a maior serenidade, disparando contra a féra que largou a sua presa e cahiu redondamente morta."

—Percebe agora?

—Percebo. A leãoa morreu duas vezes. A primeira quando o sr. Max, depois de a vêr morta, lhe largou a lingua; e a segunda quando, attingida pela bala, cahiu redondamente largando a presa.

Coitada, soffreu muito. Duas vezes viu a morte deante dos olhos e duas vezes morreu. Se mais vezes a visse, mais vezes morreria, quem sabe?

Arre, que o Dia é um bom judeu!

Se existisse no tempo de Christo tel-o hia crucificado alguma duzia de vezes!

Li no prologo d'um livro a seguinte phrase:

... "concebemos o plano de dar á luz um livro."

Não é caso d'espantar, p'lo menos no meu pa'cer, alguma cousa á luz dar depois de a conceber!

Seria mais p'ra admirar —caso nunca succedido—alguem á luz vir a dar, sem nunca ter concebido.

O que se segue é tirado d'uma poesia inserta no Jornal do Povo, de Oliveira de Azemeis:

O pé infindo, não tem termo: comporta um leito d'enfermo

Aqui ha pés a mais.

A inspiração poetica tem ás vezes d'estas graças, que são uma verdadeira desgraça. Joãosito quiz criticar o pé da dama, mas apresenta-se com dois pés a mais, e este facto não é muito favoravel á sua entidade.

O seu nariz portentoso em curva, olha o ceo azul;

Querem vêr que o Joãosito poz os olhos da dama no nariz?! D'outro modo não se explica que o nariz olhe. Se olha é porque tem olhos e se tem olhos é porque o Joãosito lh'os poz.

Diabruras de creança!

os dentes—fio mimoso são como chaise curul...

A rhetorica sempre é muito forte! Leva cada trombada que é de escacha pecegueiro; mas não cahe nem pelo diabo!

Esses dois fios sedosos têm odysséas d'amor,

e mil cantos sonoros o seu olhar inspirador!

Isto é mirabolante!

Ouvir cantar os olhos da tal dama deve ser coisa melhor do que ouvir o rouxinol, pois não, Joãosito?

dias passados longe de ti pareceme um inferno e torturam-me horriavelmente. Taes soffrimentos desanimam-me; preciso que tu me livres d'elles. Queres seguir-me, para nunca mais nos separarmos? Ouvindo estas palavras, Margarida ficou um instante confusa, fixando a vista na cruz negra, como pedindo-lhe conselho. De repente, um ruido prolongado reteniu ao longe, no silencio da montanha. A andaluzia estremeceu e não respondeu ao amante. —Que decides, Margarida? tornou Antonio. Os tiros que acabas de ouvir é um signal convencionado entre mim e os meus camaradas, para me advertir da approximação dos christinos. Ainda uma vez, que decides? Não temos tempo a perder...

Ha de, ha de! O diabo são os dois pés a mais com que o Joãosito se apresenta!

Espirito do meu calendario: Um sujeito entra em uma casa de modas, cujos donos eram irmãos, e pergunta ao primeiro que lhe apparece:

—Não sei se tenho a honra de falar ao senhor ou a seu irmão?

—E' a meu irmão, respondeu o outro mal podendo conter o riso.

LYRA POPULAR

I Pra saber a sorte minha, o meu fado, o meu penar, meus amores minha sina, fui a bruxa consultar.

II Vossos olhos são dois raios d'aquelles mais penetrantes, e com elles penetraes o coração dos amantes.

Amicus certus in re incerta cernitur, e o Sombra que diga se isto não é verdade.

Emquanto a sorte não nos desampara, todos são amigos; quando ella foge, amigos... vistel-os!

O Sombra dizia que não havia ninguém que fosse como a sua burra,—e eu concordo; que ella era a mansidão e lealdade em pessoa;—n'isto é que não concordo, porque se ha muitas pessoas burras, nem todas as burras são pessoas, a não ser que a burra do Sombra faça parte da familia, e então não ponho obstaculos a que o Sombra lhe chame pessoa. Isto vem só para dizer ao leitor que a burra era um dos amicus certus do Sombra; e vamos ao caso.

Um dia d'estes foi com a sua leal amiguinha fazer uma visita a um santuario. Quando voltou era noute, hora em que as almas penadas sahem das sepulturas embrulhadas em lençoes e se dirigem ás estradas para apparecerem aos viandantes.

O bom do Sombra vinha bastante alegre, isto é, vinha em graça com deus Baccha, e palavra que nem um papagaio. Mas a burra que não vinha muito satisfeita, porque o Sombra n'aquella visita a não tratara como verdadeira igual, pensava, lá com os seus botões, no melhor modo de lhe pregar partida. Ora pensal-o e fazel-o foi tudo o mesmo. Demais, o diabo da sorte favoreceu-a; e no momento em que o Sombra, assustado pela alma do reitor Maio que lhe sahio ao encontro para lhe mostrar o seu reconhecimento pelos grandes serviços que lhe tem prestado; fazia das ceroulas retrete, a burra finca as mãos no chão e zás! atira com o misero de cangalhas.

O susto que se apoderou do seu sagrado corpo é impossivel descrevel-o. E a burra, apenas o apanhou estatelado no chão, pediu pernas a Santo Amaro.

O rapazio, que conhece a cavalgadura do Sombra, ao vê-la á desfilada, rompeu n'uma grande gritaria, e, agarrando-a, levou-a ao logar onde elle estava esten-

Pronunciando estas palavras, tomou a rapariga pela cintura, e transpoudo os rochedos, com a rapidez do camello, chegou ao sopé da montanha. Esperava-o um cavallo prompto a partir; depoz n'elle o seu precioso fardo, saltou sobre a sella e desapareceu a galope.

No dia que se seguiu a esta noite, muitas lagrimas se espalhavam pelo valle.

As creacinhas cercavam a oasiña de Margarida, pedindo ao bom Deus que lhes restituísse a sua irmã: as mulheres lamentavam-se como se lhes tivessem arrebatado uma filha estremecida; os rapazes andavam silenciosos, dirigindo uns aos outros esta pergunta: —Que sería feito d'ella?

Durante muitos dias de penosa espera, percorreram a montanha

dido e todo... almiscarado, tal tinha sido o susto. Quizeram montal-o, sem calembourg, mas elle estava que não se podia lambor; e tiveram de o levar amparado até casa.

Um trabalhão dos diabos! E a burra a rir-se da partida que lhe tinha pregado!

Eu.

AO PUBLICO

JEREMIAS DOS SANTOS participa ao publico que vende excellentemente azeite fino pelos seguintes preços: Cada litro, 240 réis; porção de 5 litros, a 200 réis cada litro; em maior porção, grande abatimento.

Tambem vende vinagre branco fino, de superior qualidade, a 80 réis o litro e os 20 litros a 16200 réis.

LARGO DO ESPIRITO SANTO (Ao Chafariz)

DE TODA A PARTE

Um rico proprietario alemtejano encomendou para Macau uma grande porção de semente de chá, afim de ensaiar n'aquella provincia a sua cultura.

Na bahia de Audierne foi ultimamente apunhada uma enorme tartaruga, que pesava a bagatella de 360 kilogrammas! Nos mares de França é muito raro pescarem-se amphibios de taes dimensões, por isso este exemplar vae brevemente fazer parte das collecções regionaes do museu de Nantes.

No concelho da Guarda e em

muitos outros do districto, é muito abundante a nasçença do vinho, esperando-se uma colheita magnifica.

E' esperado no dia 8 ou 9 do proximo mez de maio em Lisboa o jornalista João Chagas. Vem no vapor "S. Thomé."

A camara municipal do Porto resolveu commemorar o 5.º centenario do infante D. Henrique, que passará no futuro anno de 1894. Com esse fim foi nomeada uma commissão encarregada de elaborar o respectivo programma.

Durante o mez de outubro de 1892 falleceram em Bombaim vinte e quatro cidadãos portugueses.

O sr. bispo conde de Coimbra foi nomeado socio correspondente da Real Academia de Historia de Madrid.

O sr. Bazilio Telles, que havia emigrado para o Brazil por causa da revolta de 31 de janeiro, é esperado brevemente no Porto.

ANNUNCIOS

Vende-se

UM bom predio, com grande quintal e abegonias, sito na rua do Carril, em Aveiro. Quem o pretender, fale com Thomé da Silva, que habita no mesmo predio.

O MAIS IMPORTANTE

MANUEL JOSE DE MATTOS JUNIOR (MANUEL MARIA) AVEIRO COM ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

Vinhos engarrados, genebra, cognac e licores. Um grande sortido de bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz. Variado sortimento de artigos para caça. Louça de Sacavem e estrangeira. Nova marca de café moído especial e muito economico, vendido-se cada kilo a 640 réis. Em todos os artigos se garante a boa qualidade e toda a modicidade de preços.

O MAIS IMPORTANTE PARA AVEIRO

Grande deposito de vinhos da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, vendidos quasi pelos preços do Porto, como se vê das tabelias que podem ser requisitadas neste estabelecimento. Aqui não ha competidores!! E' vér para... UNICO DEPOSITO EM AVEIRO. Satisfazem-se encomendas pela tabella do Porto, sendo as despezas á conta do freguez.

nos seus mais pequenos detalhes, procurando-a, mas em vão! Um mez, dois mezes se passaram e Margarida não apparecia. Persuadiram-se, então, que ella tinha sido victima d'alguma féra. N'esse tempo contava-se que os christinos se haviam mostrado muitas vezes no paiz, e que na provincia de Murcia se haviam dado dois ou tres combates entre elles e uns guerrilheiros. A tempestade avassallava a provincia de Murcia. Ouvia-se por toda a parte os urros do vento e os estalidos dos trovões. O horizonte inflammava-se, os pincaes das rochas pareciam de fogo. Não obstante, nem tuda a natureza soffria: haviam homens que riam e bebiam na melhor paz do mundo. Pouco lhes importava a

colera do céu e os estremecimentos da terra; não se lhes dava que a tempestade estalasse por cima das suas cabeças, quebrando os rochedos e as arvores. Elles achavam uma bella coisa a junção da raiva dos elementos com os risos estrondosos, que lhes sahiam dos labios, em convulsões de alegria. Mas eram hespanhoes, e nos seus peitos, que o sol da Andaluzia endurecera, batiam corações leaes; as bocas estavam avidas de beijos e os ouvidos de artilheria. Hespanhol que se diverte, procella que se forma. Estes homens eram os companheiros de Antonio o estudante de Valencia, de Antonio o amante de Margarida, de Antonio o chefe dos guerrilhas.

(Conclui.)



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoría geral de hygiene da cõrte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envoluçros das garrafas devem conter o retratto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito g-ral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a Debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.—Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICA legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retratto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

Contra a Tosse

Xarope Peitoral James.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICO legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoría Geral de Hygiene da cõrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Os frascos devem conter o retratto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES

EM AFRICA

Este livro formará um volume de perto de 300 paginas em 8.º grande e será distribuido brevemente aos srs. assignantes das VIAGENS PORTUGUEZAS por 600 réis, franco de porte e de cobrança de correio; e posto á venda nas principaes livrarias.

Um bello mappa da Africa Oriental acompanhará este interessante livro.

Recebem-se assignaturas na Empresa Editora do RECREIO, rua da Barroca, 109—Lisboa, para onde será dirigida toda a correspondencia.

O Judeu Errante

POR

EUGENIO SUE

Edição illustrada, nitida e economica

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

1.º—O JUDEU ERRANTE publicar-se-ha a fasciculos semanales, que serão levados a casa dos senhores assignantes nas terras em que houver distribuição organizada.

2.º—Cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, ou 4 folhas e uma gravura, custa o diminuto preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

3.º—Para as provincias, ilhas e possessões ultramarinas, as remessas são francas de porte.

4.º—As pessoas que desejarem assignar nas terras em que não haja agentes, deverão remetter sempre á Empresa a importancia adiantada de 5 ou 10 fasciculos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa Litteraria Fluminense, casa editora de A. A. da Silva Lobo, rua dos Retroseiros, 125—Lisboa.

ALMANACH DOS THEATROS

PARA O ANNO DE 1893

(4.º DA PUBLICAÇÃO)

Ornado com os retratos e perfis biographicos das actrices Virginia e Mercedes Blasco e dos actores Guilherme de Aguiar (do Brazil) e Joaquim Silva

Contendo, além d'outras, a esplendida poesia-dramatica de Victor Hugo, traducção de Fernando Leal

A CONSCIENCIA

E monologos, cançonetas, poesias-comicas e varias producções humoristicas, satyricas, etc., etc., etc.

Dirigido por F. A. DE MATTOS

Preço 100 réis. Pelo correio 110 réis. Remette-se a quem enviar a sua importancia á administração da empresa do *Recreio*, rua da Barroca, 109, ou a qualquer das livrarias do costume.—Lisboa.

ANNUNCIOS. Na administração do POVO DE AVEIRO contratam-se annuncios, aos mezes e ao anno, por preços muito baratos.
R. do Espirito Santo Aveiro.

Administrador e responsavel—José Pereira Campos Junior.

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima producção de

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó, A Filha Maldita e a Esposa*

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma estampa em chromo, de grande formato, representando a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahe em cadernetas semanales de 4 folhas e una estampa, ao preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes—Rua do Espirito Santo.

JOAQUIM JOSÉ DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

AVEIRO E ARCOS DE ANADIA

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre grande sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a retalho. Chailes pretos e de cõr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas proprias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapéos de feltro para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos. Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior movimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros artigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devidamente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resumidos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

ESPECIALIDADE EM CABÕES

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de Anadia como para Aveiro.

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA

Compendio para as escolas, em conformidade com os programas d'ensino elemental e d'admissão aos lyceus

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

REMEDIOS DE AYER



Vigor do cabelo de Ayer.—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer.—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer.—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões.—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo por que é um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tratamento da Indigestão, Nervoso-Dispepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes JAMES CASSELS & C., rua de Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO, dão as fórmulas aos srs. facultativos que as requisitarem.

Perfeito desinfectante e purificante JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excelente para tirar gordura ou no-dos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

FABRICA DE MOAGEM A VAPOR

DE

MANUEL CRISTO

N'este estabelecimento vende-se farinha de milho, a toda a hora do dia.

Compra-se milho.

ARROZ: Compra-se arroz com casca e vende-se a retalho, já descascado, mais barato que em outra

qualquer parte.

Por junto, faz-se abatimento.

RUA DOS TAVARES

AVEIRO